

RODRIGO DÍAZ DE VIVAR: REFLEXÕES ENTRE O *CID* LITERÁRIO E O HISTÓRICO EM CASTELA

Lívia Maria Albuquerque Couto¹

RESUMO:

O presente artigo tem por finalidade apresentar a imagem literária e histórica fundamentadas em torno de Rodrigo Díaz de Vivar, o *El Cid*. Para tal, analisaremos o contexto social e político em que o personagem estava inserido. Através disso, buscaremos refletir a respeito da imagem heroica construída por seus contemporâneos e até hoje fomentada na região da antiga Castela Medieval. Nosso principal objetivo será demonstrar como o *Poema de Mio Cid*, documento do século XIII, escrito para enaltecer os feitos do personagem pode ser utilizado como documento histórico, visto que podemos utilizar sua biografia para fazer uma análise histórica do reinado de Alfonso VI.

PALAVRAS-CHAVE:

Poema de Mio Cid – Idade Média Ibérica – Relações Sociais e de Poder.

ABSTRACT:

This article aims to present the literary and historical image based around Rodrigo Díaz de Vivar, El Cid. To do so, we will analyze the social and political context in which the character was inserted. Through this, we will seek to reflect on the heroic image constructed by his contemporaries and even today fomented in the region of the ancient Medieval Castile. Our main objective will be to demonstrate how the poem by Mio Cid, a document of the thirteenth century, written to enhance the character's achievements can be used as a historical document, since we can use his biography to make a historical analysis of the reign of Alfonso VI.

KEYWORDS:

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Sergipe. Integrante do *Dominium*: estudos sobre Sociedades Senhoriais. <http://lattes.cnpq.br/6681583460967720>.

Poem by Mio Cid - Middle Ages - Social and Power Relationships.

Considerações Iniciais

Desde a década de 1950, os estudos da teoria literária influenciam a reflexão histórica, as principais contribuições advindas destas áreas do conhecimento alertam para a falta de correspondência direta entre texto, autoria e contexto. E destacam que os textos possuem leis próprias de estruturação e construção; sublinham que não existem sentidos naturais ou verdades atemporais e universais (CARDOSO; VAINFAS, 1997).

A partir destas contestações, tornou-se evidente que o trabalho do historiador, ao reconstruir o passado, é uma tarefa muito mais complexa do que ler e interpretar os documentos. Faz-se necessário analisá-los considerando as particularidades formais dos textos e os processos de produção de sentido.

Andréia Silva (2002), demonstra que na análise dos discursos em história há que se levar em conta as particularidades do enunciado selecionado e as regras que o constitui, ou seja, o seu sistema abstrato de organização; os elementos extralinguísticos à enunciação; e por fim, a sua recepção, circulação e transmissão. É importante destacar que estamos cientes que os documentos por si só não são capazes de nos fazer reviver o que passou, mas estamos certos de que eles, como materializações discursivas, permitem uma aproximação com o passado (COSTA, 1994).

Nesse contexto, concordamos que a aposta biográfica, segundo Sabina Loriga (1998), pode constituir um importante viés para a interpretação dos fenômenos macro, a partir de uma perspectiva que obriga a uma reinterpretação das tradições herdadas da análise. Se são inquestionáveis as contribuições da Linguística e Literatura para os estudos históricos, também os são as Biografias que durante longo tempo não eram aceitas no campo da pesquisa histórica. Contudo, o deslocamento do foco de análise das estruturas macrosociais para as experiências

vividas pelos atores históricos, a trajetória biográfica pode encontrar um lugar legítimo na reflexão dos historiadores.

Dessa forma, pretendemos demonstrar como, através da análise de um personagem do século XI, podemos entender Castela do século XIII. Isso porque este último foi seu período de produção e transmissão, logo, diz mais sobre ele do que de fato o período que ele quer contextualizar. Para tal, utilizaremos o *Poema de Mio Cid*² e embasados no conceito de Representação de Roger Chartier (1991), buscaremos compreender como uma biografia histórica, ou seja, como através da estória de um personagem podemos entender o contexto político social daquele lugar.

Segundo Michael de Certau (1982), o lugar é determinante para se escrever sobre ele, uma vez que o historiador para escrever a história é preciso saber como funciona essa sociedade. Nesse sentido, é preciso interpretar este “herói nacional da Espanha” (mais precisamente de Castela), através do contexto de seu próprio tempo. Dessa maneira, optamos por ponderar o *Poema de Mio Cid* através de uma análise sincrônica e diacrônica³, visto que, com esta técnica, os documentos são analisados à luz de seu contexto literário em perspectiva sincrônica, ou seja, dos textos que lhe são contemporâneos.

Nesse sentido, o não-dito das fontes, mais precisamente do *Poema de Mio Cid*, é ao mesmo tempo o inconfessado dos textos que se tornaram pretextos, a exterioridade daquilo que se faz com relação àquilo que se diz, e a eliminação de um lugar ou de uma força que se articula numa linguagem. Pois, ao se tratar de um documento escrito por um clérigo poeta, acreditamos que a ideologia da Igreja

² Poema escrito em “língua vulgar”, e a obra mais conhecida dentre as dedicadas a Rodrigo de Vivar. Enquadra-se em um gênero literário medieval denominado “canção de gesta”, de narrativas cantadas que contavam as façanhas de reis e nobres, em especial daquela cuja memória vincula-se aos grandes feitos em combate (MENÉNDEZ PIDAL, 1947, p. 223-230).

³ É aplicável, sobretudo, a textos que seguem formas fixas de organização, como documentos notariais e poemas, ou que apresentam o mesmo conteúdo narrativo, já que permite apontar as continuidades e as rupturas. O uso desta técnica demanda que um dado documento seja confrontado a outros que lhe são anteriores ou contemporâneos.

Medieval estava inserida neste discurso. Observamos isto, principalmente, ao serem atribuídas “funções” específicas aos personagens, isto é, uma espécie de “manual comportamental” para a sociedade. Assim, o lugar-comum desse objeto ao ser confrontado com os documentos históricos pode causar surpresa entre os que não estão familiarizados com os estudos *cidianos*. Por isso, concordamos que a subjetividade faz parte da vivência do historiador e a “imaginação causal” precisa ser circunscrita a uma base/realidade histórica (PROST, 2008). Principalmente, ao se tratar do *Cid*, porque é peculiarmente difícil desemaranhar a história do mito.

***Poema de Mio Cid*: subsídios para uma análise histórica**

O *Poema de Mio Cid*⁴, como o conhecemos, é uma cópia incompleta de um manuscrito feita no século XIV. O primeiro fólio foi arrancado da composição, que ainda representa outras lacunas no decorrer e sua narrativa (MENÉNDEZ PIDAL, 1976). No entanto, a autoria do *PMC* é um dos temas mais controversos e recorrentes nos estudos da "historiografia cidiana".

Vários autores publicaram versões críticas do *PMC*, como, por exemplo, Archer Huntington, Ramón Menéndez Pidal, Ian Michael e Jules Horrent, contudo, optamos por utilizar em nossa análise a edição crítica elaborada por Colin Smith (2008), que em seu estudo utilizou como auxílio a edição fotográfica do manuscrito original publicada em Madri em 1967 e a edição paleográfica de Menéndez Pidal publicada pela primeira vez em 1911.

Apesar de ser considerado por muitos especialistas como um texto de autoria Anônima, seguiremos as teses que defendem, como autor da obra, o clérigo poeta Per Abbat⁵ (ALVARO, 2008), por dois principais motivos. Primeiro, pela presença constante do espaço religioso, representado pelo monastério San Pedro de Cardena, e em segundo, pela forte ligação histórica do protagonista da obra estabelecida com os monges desse monastério sendo, inclusive, cultuado por eles

⁴ A partir desse ponto utilizaremos a sigla *PMC* quando nos referirmos ao documento.

⁵ Importante destacar que a assinatura de Per Abbat, aparece no final do único manuscrito preservado.

em meados do século XIII (FLETCHER, 2002, p. 257-262). O clérigo poeta, então, por ser castelhano quis, entre outras coisas, exaltar a ligação do herói com um mosteiro bastante conhecido de Castela, ou seja, as temáticas apresentadas pelo autor podem ser vistas como inspiração artístico-política do contexto em que ele estava inserido.

Nesse sentido, o manuscrito do *PMC*, em seu estado atual é composto por 74 fólios num total de 3.733 versos e se encontra atualmente na Biblioteca Nacional de Madri, na Espanha. Sabemos que falta uma folha no início do manuscrito e mais duas no interior, desta maneira podemos supor que o *PMC* em seu estado original tinha, aproximadamente, 4.000 versos, ou um pouco menos. Sobre o texto, está dividido em três núcleos narrativos que comumente são denominados pelos estudiosos em: *Desterro do Cid* (Cantar I), *Bodas das Filhas do Cid* (Cantar II) e *Afronta de Corpes* (Cantar III).

O primeiro cantar – *O Desterro do Cid* - começa com o *El Cid* sendo exilado, por ordem de Afonso VI. O *infanzone* deixa sua esposa, Doña Jimena, e filhas, Doña Elvira e Doña Sol, no Monastério de São Pedro de Cardeña, aos cuidados, devidamente patrocinados, do Bispo Don Sancho, o qual deve zelar sempre pela segurança e saúde de sua esposa e filhas. Daí em diante, *El Cid* parte tranquilamente para às suas empreitadas militares. Neste primeiro momento, podemos destacar um evento singular disposto na gesta, isto é, a despedida de Doña Jimena frente ao seu marido *El Cid*, esta se prostra diante dos seus pés e daquele momento em diante verbaliza uma singular oração religiosa, pedindo a Deus pelo sucesso de seu marido em suas campanhas.

O segundo cantar – *As Bodas das Filhas do Cid* – é iniciado retratando as primeiras e grandiosas conquistas do *Cid*, em suas campanhas na região do Levante⁶

⁶ Levante é um termo geográfico impreciso que se refere, historicamente, a uma grande área do Oriente Médio ao sul dos Montes Tauro, limitada a oeste pelo Mediterrâneo e a leste pelo Deserto da Arábia setentrional e pela Mesopotâmia. Ao tratarmos dessa região, no *PMC*, nos referimos a região de “al-Andaluz”, que seria o nome árabe para a área da Península Ibérica sob

e posteriormente, com os processos que levam à conquista de Valência. Este cantar se encerra com a narração dos eventos que levam o *Cid* a aceitar as bodas de suas filhas com os *Infantes de Carrión*, através de uma mediação do soberano Afonso VI.

O terceiro cantar – *A Afronta de Corpes* – encerra a trama apresentando o desfecho da afronta através da restituição moral e financeira do *Cid*, obtida por meio de um torneio realizado neste sentido, pela convocação das cortes em Toledo. O Campeador consegue recuperar sua honra e seu prestígio frente ao Soberano e às cortes. Posteriormente retornou à Valência onde viveu com alegria até a sua morte. É importante frisar que o clérigo Per Abbat informa que as *Filhas do Cid* conseguem atar uma segunda boda, com infantes oriundos de uma família dinástica mais poderosa, sendo estes de Navarra.

Nesse contexto, o protagonista do documento era um herói por excelência, descrito sempre como “buen vassalo!”, aquele que “em buen ora çinxieste espada!”, “el que en buen ora nasco”, etc (PMC, 2008, p. 145, 146 e 234). Mas acima de tudo, Per Abbat o constrói como um cristão modelar, sem pecados, disposto a tudo para defender o cristianismo dos mouros e os interesses da Igreja e, ainda, daquele que o desterrou, seu senhor Afonso VI.

Sua masculinidade é afirmada no mesmo peso e medida que seu exemplo de cristão/cavaleiro. Retratado como extremamente violento: “quinze moros matava de los que alcançava” (PMC, 2008, p. 162). No entanto, sem perder a justiça e sendo, por vezes, considerado até mesmo amável e justo, não só com seus cavaleiros, como também, com os mouros com quem ele fazia alianças. Porém, também cometia atos de trapaça, o que não é visto pelo clérigo-poeta como uma característica desonrosa.

Segundo o *PMC*, após ser exilado o *Cid* juntamente com 300 dos melhores cavaleiros castelhanos decidiram acompanhá-lo no exílio, fazendo de Zaragoza seu

controle islâmico. Logo, parte da atual Espanha, estava sob tutela do poder islâmico do Oriente Médio.

quartel general e travando batalhas vitoriosas contra os mouros. Importante ressaltar, que os chamados Reinos Cristãos Peninsulares e os Reinos Taifas da Andaluzia encontravam-se em recorrentes conflitos, este processo de lutas territoriais a que a Medievalística tem denominado corriqueiramente como *Reconquista*.

O *PMC* é considerado uma *Canção de Gesta*, assim é preciso entender quem era o “público-alvo” deste “relato histórico”, isto é, a quem o autor se dirigia? Segundo Menéndez Pidal, os principais leitores desta obra eram cavaleiros e homens da cidade, os mesmos que escutavam os jograis e os trovadores. Logo, percebemos que Per Abbat tinha um público a quem ele queria atingir. Desse modo, seu intuito era impor um modelo ideal de vassalo, aquele que mesmo após exilado por seu monarca, continuou “honrando” seu rei, com grandes feitos militares.

Rodrigo Díaz de Vivar: o *Cid* Castelhana

Segundo o *PMC*, Rodrigo Díaz de Vivar, nascido na região de Burgos, atual Espanha, 1043, e morreu em Valência com 56 anos, 1099. Chamado por *El Cid* (“senhor”) e/ou de *Campeador* (“*Campeão*”), foi um nobre guerreiro castelhano que viveu no século XI, época em que a Hispânia Medieval estava dividida entre reinos rivais de cristãos e mouros (muçulmanos).

Analisando o principal personagem do *PMC*, Rodrigo Díaz de Vivar, ligado intimamente às transformações ocorridas na Península Ibérica na segunda metade do século XI, perceberemos o modelo ideal de masculinidade, ou seja, o vassalo perfeito, em consonância com os interesses da nobreza e da Igreja Romana Castelhana (ALVARO, 2013).

Contraoando a visão “romântica”, disseminada por Menéndez Pidal (1947), ao defender que os fatos narrados no *PMC* eram testemunhos fiéis,

⁷ Sobre *El Cid* literário e suas transformações no decorrer dos séculos, ver o artigo: MARTÍNEZ RICO, Eduardo. *El Cid: El Heróe Literario a Través de los Siglos. Dicienda: Cuadernos de Filología Hispánica*, v. 24, p. 337-245, 2006. Neste estudo, Martínez Rico, seguindo a escola pidalina, vai além

argumentando arduamente que o *El Cid* foi um verdadeiro “herói nacional”, além de ser construído como um grande chefe militar de valor indubitável, também é dado a ser construído como um líder justo, honesto e generoso, na medida em que suas atitudes como comandante militar sempre foram pautadas no compromisso da verdade de sua situação para com seus seguidores. Propomos uma análise entre o Rodrigo Díaz literário e histórico, pois há uma discrepância entre a realidade do século XI e a mitologia posterior. Nos tempos de Rodrigo Díaz, havia pouco ou talvez nenhum senso de nacionalidade, de cruzada ou de reconquista nos reinos cristãos da Espanha. Sendo que, Rodrigo estava tão pronto a lutar ao lado dos muçulmanos contra os cristãos quanto vice-versa, pois ele lutava visando seus próprios lucros. Logo, ele era um soldado mercenário⁸, por isso não devemos romantizar o *Cid*. Ele ganhava a vida lutando em guerras: era um soldado profissional.

É interessante destacar como, até os dias de hoje, este personagem tem sido um importante representante do medievo no imaginário social, por exemplo, no filme ítalo-estadunidense, *El Cid*, de 1961, é retratado como o fiel vassalo e honrado herói; franquias como *Age of Empires* e *Final Fantasy* criaram jogos eletrônicos também baseados nos feitos do *Campeador*, além de desenhos animados e mangás também inspirados nesta história.

Todavia, esta imagem do cavaleiro medieval idealizado é rebatida por outras fontes, como, por exemplo, os estudos de Richard Fletcher (2002), em que Rodrigo Díaz é visto através de um retrato menos favorável. Principalmente, a versão sobre seu desterro, segundo a qual ele refugiou-se nas montanhas de Aragão, arregimentando um pequeno exército cujas armas eram postas ao serviço de quem lhes pagasse mais, fosse cristão ou muçulmano. Logo, este personagem teria se tornado um mercenário após seu exílio.

dos preceitos estabelecidos por Menéndez Pidal em firmar *El Cid* como um “herói nacional” e o apresenta como um “modelo universal”, graças ao modelo de herói presente no Poema e a variedade de releituras do *PMC* da literatura ao cinema.

⁸ Na linguagem anglo-americana moderna, o termo “mercenário” carrega conotações pejorativas. Neste sentido, atribuímos o sentido neutro de “aquele que serve mediante pagamento”.

Com base em tudo que foi dito sobre Rodrigo de Vivar, *o Cid*, nos deparamos com seu contexto social, século XI, inserido em uma estrutura social e política mantida com base na vassalagem⁹ que sofreu com o impacto das transformações vindas com o fim da guerra entre Sancho II e Afonso VI¹⁰, onde este último saiu vitorioso. Durante a guerra, o jovem Rodrigo não possuía o mesmo destaque que as grandes famílias condais de Monzon e Carrión, mas a sua contribuição pôde ter colaborado para seu reconhecimento social e político¹¹. Após a morte de Sancho, o Rodrigo Díaz foi recebido como vassalo por Afonso VI de Leão e Castela (1065/1072-1109) e não foi desligado do convívio com o rei.

Contudo, sua relação com o atual rei não era das mais amistosas e piorou com o evento conhecido como “jura de Santa Gadea”¹², na qual conta-se que o cavaleiro burgalês teria feito o monarca castelhano-leonês jurar não ter tido participação na morte de seu irmão. As dificuldades políticas, somadas ao possível posicionamento de *El Cid* contra Afonso VI após a morte de Sancho II, ou, ainda, problemas com outros súditos reais, puseram em *xequ* a situação do cavaleiro na Corte, fato que, provavelmente, o levou ao exílio acompanhado de um pequeno grupo de guerreiros fiéis ao falecido monarca. Durante seu período de desterro, Rodrigo Díaz desencadeou diversas empreitadas militares extorquindo *parias* das *taifas* do leste da península¹³ e lutando como mercenário a serviço dos muçulmanos.

⁹ Apesar da ausência das expressões “feudo” e “vassalagem” nas fontes do período, não se pode negar a existência do feudalismo ibérico. A soberania régia foi partilhada, após o período em questão, por múltiplas instâncias autônomas em meio às quais as funções governamentais foram privatizadas por grandes senhores ibéricos. IN: MINGUEZ, José Maria. *Las sociedades feudales*. Madrid: Nerea, 1994.

¹⁰ Afonso VI unificou todo o patrimônio familiar. Com a guerra finalizada, um processo de redistribuição de poderes no reino passou a se efetuar. Nesse sentido, muitos nobres foram afastados dos principais postos de comando do reino e da distribuição de “benesses” que o contato com o rei poderia propiciar. IN: MINGUEZ, José Maria. *Las sociedades feudales*. Madrid: Nerea, 1994, p. 181.

¹¹ Em fontes mais antigas dedicadas ao *Cid*, Sancho II aparecia como aquele que mais o estimava. Historia Roderici. IN: MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *España del Cid*. Espasa-Calpe: Madrid, 1947.

¹² Segundo Adeline Rucquoi, “os Castelhanos ficaram convencidos da responsabilidade do rei de Leão no assassinio de Sancho e exigiram que prestasse juramento de inocência”. RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995. p. 160.

¹³ *Taifas* eram pequenos reinos muçulmanos próximos aos territórios cristãos, na grande maioria dos casos, estes reinos pagavam tributos anuais (*parias*) as coroas ibéricas em troca de proteção

Seu mais famoso sucesso foi a tomada de Valência, que governou, aproximadamente, por cinco anos (de 1094 até sua morte em 1099).

Ao analisarmos o *PMC*, percebemos que durante o período de desterro, *El Cid* desencadeou diversas empreitadas militares, extorquindo *parias* das *taifas* do leste da península e lutando como mercenário a serviço dos muçulmanos. O que desagradou seu senhor, Alfonso VI. Apesar disso, quando Rodrigo Díaz conquistou a região de Valência o monarca permitiu que o *Cid* governasse esta região, desde que lhe jurasse lealdade. Assim, ele participou de um ritual de adubamento, em que beijava a mão de Alfonso VI e lhe jurava fidelidade. Dessa forma, seu exílio acabava definitivamente e o monarca recebia de volta o *Cid*, juntamente com a região de Valência (*PMC*, 2008, p. 256). Onde o mesmo ficou, aproximadamente, por cinco anos, de 1094 até sua morte em 1099.

Ao contrário da tradição lendária, que aprecia vê-lo morrendo heroicamente em combate, Rodrigo Díaz faleceu numa cama de seu castelo, em 10 de julho de 1099. É nesse ponto da história que Rodrigo vira uma lenda. Os mouros ficaram confiantes, pois haviam finalmente matado o *El Cid* e decidiram avançar para Valência. Contudo, *Doña Jimeña* mandou amarrar o corpo do seu falecido marido ao cavalo e sua espada a sua mão e fez o mesmo percorrer o campo de batalha. Ao ver o *Campeador* encima do seu cavalo, os mouros fugiram sendo perseguidos e derrotados pelo exército de Rodrigo. Por isso, reza a lenda que “Don Rodrigo de Castela venceu uma batalha depois de morto”. Seus restos mortais, juntamente com os de sua esposa, Jimeña, estão sepultados na Catedral de Burgos.

Todos esses “feitos heroicos” favoreceram a fusão entre realidade e mito, o que pode ser constatado pelos vários *El Cid* que podem ser encontrados numa larga tradição literária: o poema *Carmem Campi Doctoris*, a biografia *Historia Roderici*, a *Primeira Crônica General* e o *Poema de Mio Cid*, isso sem contar os escritos muçulmanos nos quais ele também se faz presente.

militar. IN: REILLY, Bernard. *Cristãos e Muçulmanos: A Luta pela Península Ibérica*. Lisboa: Teorema, 1992, p. 154.

Assim, entendemos o *PMC* como um ditador de modelo comportamental social¹⁴, em que Rodrigo Díaz incorporava as três principais expressões e condições intrínsecas à nobreza ibérica do século XI, ou seja, o seu “caráter concomitante senhorial”, “vassálico” e “guerreiro profissional”, o que faz do *Cid* uma síntese dos atributos aristocráticos da sociedade e do período em questão.

Percebemos que o “caráter senhorial” se expressou pelo domínio sobre o território valenciano, onde interveio na estrutura administrativa e jurídica por mobilizar homens para suas empreitadas e por ter a capacidade de julgar e punir dentro da região conquistada. O “caráter vassálico” se expressou pela relação que manteve com os monarcas de Leão e Castela, por ter sido “nutrido” na corte destes e por servi-los em funções específicas do aparato estatal destes reinos. Por fim, o “caráter de guerreiro profissional” (mercenário) se expressou pela prestação de serviços militares, em troca de soldo, aos soberanos muçulmanos das terras orientais da Península Ibérica.

Logo, apresentava o modelo ideal de “masculinidade”, esse, que segundo Alvaro (2008), é culturalmente específico e está inserido no cotidiano militar/religioso do reino castelhano e, por sua vez, funcionais, pois são elementos constitutivos das relações de poder que leigos e religiosos estabeleciam entre si e com outros, como no caso da Península Ibérica, com muçulmanos e judeus. Essa pluralidade de masculinidades é funcional à medida que lança ou não o indivíduo na marginalidade daquela sociedade. Dessa maneira, percebemos os “modelos” que estavam de acordo com os interesses da aristocracia e da Igreja Romana Castelhana. Assim, questionamo-nos de que maneira o contexto político, militar e cultural do Reino Castelhana-leonês, no período em que o *PMC* foi escrito, interferiu na construção cultural das masculinidades presente no mesmo?

¹⁴ Por modelo comportamental entendemos que atribuía tipos ideais a serem seguidos, tanto masculinos quanto femininos. Contudo, neste artigo enfocaremos o modelo social atribuído para os homens na figura do *El Cid*.

Ainda segundo Alvaro (2008), o estudo acerca das masculinidades é um campo de análise relativamente novo dentro dos Estudos de Gênero, sobretudo, nas obras de Joan Scott e sua emergência surgiu justamente graças às reflexões teóricas das historiadoras no decorrer das mudanças de perspectiva dentro do seio da História das Mulheres, que emergiu, primeiramente, com o objetivo de “integrar as mulheres à História”¹⁵.

Nesse sentido, as relações de poder no *PMC* quando vistas à luz dos Estudos de Gênero, nos possibilitam compreender a diversidade de características que compõem os graus de masculinidades e feminilidades representados através do protagonista da obra e as personagens coadjuvantes que o cercavam (sua esposa *Jimeña*, e suas filhas *Elvira* e *Sol*), e a tentativa do autor em construir identidades leigas e religiosas masculinas e femininas.

Em se tratando dos modelos de feminilidade perpassados neste documento medieval, já que as mulheres no *Poema de Mio Cid* são protótipos femininos típicos da Igreja Cristã Medieval: são passivas, raras vezes têm vontade própria e sempre têm que obedecer a seu senhor, marido ou pai. Nisto, o autor reflete os costumes de sua época, representando às mulheres como instrumentos para descrever o *Cid* como esposo e pai, lhe dando uma dimensão de amor, ternura e vida doméstica ao lado da guerra e da honra. Logo, os modelos que todas as mulheres deveriam seguir, pois seu modo de se portar influenciaria diretamente na visão que a sociedade teria dos seus “tutores” (homens por elas responsáveis). Por fim, enfatizamos que no *Poema de Mio Cid*, não só modelos de feminilidade eram apresentados, mas padrões comportamentais para toda a sociedade.

Considerações Finais

¹⁵ MINELLO MARTINI, Nelson. Masculinidades: Es un Concepto en Construcción. *Nueva Antropología. Revista de Ciencias Sociales*, n. 61, p. 11-30, 2002.

Apesar de se tratar de um documento literário, consideramos, diferentemente de alguns autores¹⁶, que o *Poema de Mio Cid* pode ser utilizado como testemunho histórico, visto que nos possibilita uma ideia, não do período em que viveram os personagens, mas, principalmente, a representação dada pelo autor a eles. Por isso que o momento em que o *PMC* foi produzido e transmitido não deve ser ignorado.

É indubitável que o documento utilizado é um poema épico, uma *canção de gesta*¹⁷, sendo assim, um tipo de literatura direcionada às Cortes, denominada como literatura cortês. Sobre os estudos do *PMC*, destacamos que Menéndez Pidal e sua *La España del Cid* desencadearam uma série de discussões sobre o *Cid* histórico e literário. Dentre estas, podemos destacar o livro de Richard Fletcher, *Em Busca de El Cid*¹⁸, os trabalhos de Colin Smith, como sua *Introducción à edição crítica do Poema de Mio Cid*¹⁹, e uma variedade de artigos de outros autores que tentaram, cada um à sua maneira, separar, sem sucesso, o “El Cid” histórico do literário²⁰.

Dessa forma, percebemos como as discussões entre o *Cid* literário e histórico é um assunto recorrente na “historiografia cidiana”. Porém, devido à escassez de fontes continuará sendo um assunto que mexe como os especialistas e leigos quando deparados a história do cavaleiro Rodrigo Díaz de Vivar. Fato que continuará contribuindo para a dificuldade em desemaranhar a história do mito.

¹⁶ Tais como: Ramón Menéndez Pidal e Richard Fletcher. O primeiro defendeu até sua morte que o Poema de Mio Cid era um testemunho fiel de como foi El Cid histórico, já o segundo assinala em seu livro que tal obra, por ter caráter literário, não deveria ser lida como um testemunho histórico.

¹⁷ Segundo Colin Smith, os epítetos épicos são artificios literários muito bem utilizados no decorrer do *Poema de Mio Cid*, para além de realçar o estilo épico que engendra a gesta, também enaltecer a figura do herói em destaque. Desta maneira, aparecem no decorrer de toda obra, não somente epítetos como “que en buen hora nasco” ou “que en buen hora çinxo espada”, mas também outros epítetos que referendam tanto o *Cid* como o de formosa barba, aquele que conquistou Valência, etc. Também aparecem para adjetivar outras importantes personagens da obra. Assim, os epítetos assumem um papel importante de definição das hierarquias, das posições sociais de cada personagem. Cf.: ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Edición de Colin Smith. Madrid: Ediciones Catedra, 2008, p. 68.

¹⁸ FLETCHER, Richard. *Em Busca de El Cid*. São Paulo: Unesp, 2002.

¹⁹ SMITH, Colin. Introducción. In: ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Edición de Colin Smith. 22ª Ed. Madrid: Catedra, 2001. p. 17-139.

²⁰ MARTÍNEZ RICO, Eduardo. El Cid: El Heróe Literario a Través de los Siglos. Dicienda: *Cuadernos de Filología Hispánica*, v. 24, p. 337-245, 2006.

Por fim, acreditamos que por se tratar de uma espécie de “manual cortês”, cuja finalidade seria informar um modelo social a ser seguido, o *PMC* ao tratar dos “feitos heroicos” de Rodrigo Díaz de Vivar tinha por objetivo ditar modelos sociais para aquela sociedade, baseado nos interesses da Igreja Cristã Medieval e da Monarquia. Logo, a ideologia que predominava na época com o intuito de “controlar” a população. Sendo que, através do *PMC* atribuía modelos comportamentais, como por exemplo, o ideal de cavaleiro a ser seguido, inspirado no *El Cid*.

A motivação e as circunstâncias para a construção de uma biografia ou autobiografia, para Loriga (1998), parecem ser tão ou mais esclarecedoras do que o próprio relato produzido. Através disso, entendemos a nossa fonte literária como um produto de intelecto que tinha como função construir um manual destinado a sociedade castelhana. Segundo Eagleton (1991), para se “chegar” as ideologias torna-se necessário fazer uma análise científica do texto literário, buscando o texto não como um reflexo das ideologias, mas como um produtor de ideologias e a partir disso é que se poderia “chegar a história”.

Desse modo, entendemos que os representantes do monarca atuavam na criação de uma cultura política com o objetivo de influenciar a criação de uma identidade²¹. Assim, moldar a sociedade, segundo suas concepções políticas e sociais. Visto que, o documento se trata de um poema épico ou, ainda, pode ser classificado como “literatura de corte (ou cortês)”, com intuito de exaltar um famoso personagem da região de Burgos que viveu num período conflituoso (FLETCHER, 2002). Assim, ligado à questão da educação cortês, da diversão nas Cortes, visando rememorar os feitos guerreiros do lendário Rodrigo Díaz, com o intuito de instruir aquela sociedade e mantê-los fiéis ao seu monarca.

Referências

²¹ O papel que a Igreja desempenhava na sociedade medieval, como um todo, é indiscutível, desde o âmbito político até o cultural e isso não foi diferente no território castelhana do século XIII (ALVARO, 2008).

a) Fontes:

ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Edición de Alberto Montaner Frutos. Madrid: Critica, 2003.

ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Edición de Colin Smith. 22 ed. Madrid: Catedra, 2008.

ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Tradução de Maria Socorro Almeida. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

b) Bibliografia:

ALVARO, Bruno Gonçalves. *As Veredas da Negociação: uma análise comparativa das relações entre os Senborios Episcopais de Santiago de Compostela e de Sigüenza com a Monarquia Castelhana-Leonesa na Primeira Metade do Século XII*. Tese (doutorado) – UFRJ/IH Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2013, 280 p.

_____. *A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2008, 174 f.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: _____. (Orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 536-567.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. São Paulo, v. 5, nº 11, abril 1991.

COSTA, E. Z. Sobre o Acontecimento discursivo. In: SWAIN, T. N. (Org.) *História no plural*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

- FLETCHER, Richard. *Em Busca de El Cid*. São Paulo: Unesp, 2002.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, pp. 225-249.
- MARTÍNEZ RICO, Eduardo. El Cid: El Heróe Literario a Través de los Siglos. *Dicienda: Cuadernos de Filología Hispánica*, v. 24, p. 337-245, 2006
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. Crítica del texto. In: _____. *Cantar de Mio Cid: texto, gramática y vocabulário*. 5 ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1976.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La España del Cid*. 4 ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1947.
- MINELLO MARTINI, Nelson. Masculinidades: Es un Concepto en Construcción. *Nueva Antropología. Revista de Ciencias Sociales*, n. 61, p. 11-30, 2002.
- MINGUEZ, José Maria. *Las sociedades feudales*. Madrid: Nerea, 1994.
- PERNOUD, Régine; GONÇALVES, Antônio Manuel. *Luz sobre a Idade Média*. Europa América, 2004.
- PROST, Antoine. “A história como compreensão”, “Imaginação e atribuição causal”. In: _____. *Doze lições sobre a história*. Trad. João Guilherme de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 133-168.
- REILLY, Bernard. *Cristãos e Muçulmanos: A Luta pela Península Ibérica*. Lisboa: Teorema, 1992
- RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995. p. 160.
- SCOTT, Joan Wallach. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-96